



Os mapas do #15M: a arte da cartografia da multidão conectada¹

The 15M maps: the connected multitude art of cartography

Pablo DeSoto *

RESUMO

Entre os movimentos do chamado novo ciclo global de lutas (2011-2013), o 15M espanhol tem se caracterizado por ter a dimensão tecnopolítica mais potente. Uma parte fundamental dessa *tekné* é a cartografia, revelando sua potência nos processos de auto-organização, ação distribuída e descentralizada, inclusão de atores diversos e processos de imaginação social. Como parte de uma produção de ciência do comum e enfrentando as questões fundamentais em torno da reprodução da vida na metrópole contemporânea, os mapas do 15M apresentam novas funcionalidades e avanços técnicos não praticados em semelhante escala anteriormente. Em sua inovação tecnossocial, os mapas do 15M inauguram uma prática que chamamos a arte da cartografia da multidão conectada.

Palavras-chave: Tecnopolítica; Hacktivism, Ciência Cidadã; Movimentos de Inovação “na Base”.

ABSTRACT

The new global cycle of struggles is characterized by a techno-political dimension. Revolts occur where open source knowledge, techniques, practices and strategies are learned and replicated with improvements connected by different crowds. The Spanish movement-event 15M has shown a fundamental part of this *techne* is cartography, revealing its enormous importance for the processes of self-organization, distributed and access of social imagination. As a production of a commons, this practice confronting the fundamental issues surrounding the reproduction of life in the contemporary metropolis, maps have 15M new features and technical specifications and on a scale not previously practiced: network visualization, concept maps are updated in a synergy of the street network to the network, systems and signals alerts for swarms, semantic wikis georeferenced. In his techno-social innovation, maps 15M inaugurate a practice we call the art of mapping the connected multitude.

Keywords: Technopolitics; Hacktivism; Citizen Science; Grassroots Innovation Movements.

INTRODUÇÃO

Dos movimentos que emergiram no mundo entre 2011 e 2013 no chamado novo ciclo global de lutas, das revoluções árabes à #direngezi e às Jornadas de Junho do Brasil,

¹ Agradecimentos a Rejany Ferreira pela tradução.

* Pesquisador afiliado à Umeå School of Architecture e Rise Interactive (Suécia). Doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal de Rio de Janeiro. Endereço: Östra Strandgatan 30, 903 33 Umeå, Sweden. Telefone: +46 90 786 71 16. E-mail: pablo.desoto@umu.se ; pablodesoto@gmail.com.

o 15M espanhol tem se caracterizado por ter a maior dimensão de experimentação tecnológica (ASSANGE, 2012).

No âmbito da *tekné* do 15M, o velho e o novo da arte da cartografia colocam-se como uma parte fundamental. O mapa, utilizado tradicionalmente pelos militares e as elites políticas e econômicas para expandir sua dominação e poder, tem sido apropriado em seu duplo aspecto de interpretação e ação sobre a realidade. Na dimensão de interpretação, análise e diagnóstico, expondo a indignação pelas políticas neoliberais e as condições materiais da crise de acumulação por espoliação, que está acontecendo desde 2008 no seio da metrópole sul-europeia:

Nós questionamos juntos o peso terrível da realidade oficial: que diz que não se tem nada além disso. E assim conseguimos respirar. A situação macro segue igual, mas agora nós a vemos a partir de outro lugar. Está tudo ruim (FERNÁNDEZ-SAVATER, 2012).

E na dimensão da ação, passando da indignação para a perda do medo e a potência, a organizar a partir do plural a resposta coletiva a essa realidade. O mapa como gerador de processos de subjetivação, como parte das tecnopolíticas² que permitem a multidão conectar-se e apresentar-se socialmente:

Mas ao mesmo tempo temos demonstrado que somos capazes de produzir uma outra realidade. E isso gera automaticamente alegria, um novo clima emocional. A realidade oficial é o mapa do possível autorizado: o que é possível ver, pensar, sentir e fazer. Abrimos esse mapa (FERNÁNDEZ-SAVATER, 2012).

Wikimapas da corrupção política, listas geolocalizadas dos hospitais e centros de saúde fechados pelas políticas de austeridade, mapas das rotas das marchas para os centros do poder político em Madri ou Bruxelas, mapas para coordenar escrachos contra os responsáveis políticos das remoções de famílias, planos das distribuições dos espaços dos acampamentos nas praças, sistemas de alarme geolocalizados para sincronizar a resistência popular contra os despejos, aplicativos para *smartphone* com a localização de agências bancárias para organizar ações diretas, mapas táticos para “rodear o congresso”. São alguns exemplos de maneiras diferentes e criativas da arte da cartografia produzida no contexto do 15M.

² Tecnopolítica definida como o uso tático e estratégico das ferramentas digitais para a organização, comunicação e ação coletiva, como a “capacidade de conectar, agrupar e sincronizar, através de dispositivos tecnológicos e comunicativos em torno de objetivos, os cérebros e corpos de um grande número de sujeitos sem sequências de tempo, espaço, emoções, comportamento e linguagens” (TORET, 2012).

Figura 1. Foto e mapa da ação Rodea o Congresso de 25 de Setembro de 2012.



Fonte. Disponível em: <<http://goo.gl/xPqOMC>>.

Propomos neste trabalho um estudo aprofundado dessa rica e disruptiva produção cartográfica. O estudo toma a forma de uma categorização e ontologia dos mapas produzidos no contexto do 15M, uma análise da nova *tekné* que está sendo prototipada e algumas considerações sobre o que os mapas do 15M aportam para à tradição da cartografia crítica ou contra-hegemônica.

Partiremos de dois conceitos básicos: a definição do 15M como multidão conectada – a partir da análise qualitativa-quantitativa do grupo de pesquisa @datananalysis15M –, e a noção deleuze-guattariana de mapa.

A multidão, como conceituada por Negri e Hardt, é o novo sujeito político central, composta por múltiplos, independentes e diferentes atores, mas em rede e capaz de convergências operativas. É a forma de organização descentralizada, sem formas clássicas de liderança, que se tornou central para o novo ciclo global de lutas do qual o 15M faz parte. A ideia de multidão conectada surge para destacar a relevância das tecnologias digitais da informação e da comunicação na concepção e no desenvolvimento de sua ação – a amplificação por meio da tecnopolítica dos processos de autocomunicação dos corpos e subjetividades que a compõem.

Entendemos o conceito de mapa em seu sentido deleuze-guattariano, como “mais ação que representação; o mapeamento, em vez de representar um mundo que já está dado, supõe a identificação de novos componentes, criando novas relações e territórios, novas máquinas”. Uma prática cartográfica que

[...] já não se limita ao desenho mostrando em duas dimensões um território geográfico, mas como um instrumento de conhecimento e de produção da realidade, se estende a qualquer (re) apresentação de uma situação complexa, que coloca no mesmo plano relações (metafóricas) e elementos heterogêneos, processos sociais, políticos, mentais ou tecnológicos, acontecimentos, lugares imaginários, etc. (DELEUZE; GUATTARI, 1994, p. 234-243).

O mapa entendido como um meio transdisciplinar que combina arte e ciência, como mistura ampliada de esferas físicas e digitais. Uma definição de mapa na qual se incluem topologias de rede e visualização de sistemas complexos, mapas de dados

em tempo real, mapas conceituais, mapas que podem ou não incluir georreferenciamento. Nesse sentido, é possível que pesquisadores da teoria de redes ou que trabalhem com visualização de dados possam compreender sua práxis como uma categoria específica. Entendemos para este estudo que a noção deleuze-guattariana de mapa como *performance* engloba conceitualmente tais práticas, e que a mudança para a visualização do espaço dos fluxos é, precisamente, uma das características fundamentais dos mapas do 15M e da prática cartográfica contemporânea.

A cartografia fora da disciplina puramente geográfica tem múltiplas práxis e linhas de pesquisa diversas, que recebem os nomes de cartografia crítica, cartografia tática, cartografia radical, neogeografia, mapeamentos das relações de poder, cartografia cidadã, cibercartografia, cartografia de controvérsias, cartografia insurgente, mapeamento colaborativo e nova cartografia social – todas elas exemplificadas por autores e coletivos sociais variados. Os mapas do 15M amalgamam e recombina características de todas essas definições anteriores.

Como uma breve genealogia, a cartografia como instrumento de conhecimento crítico e comunicação política contra-hegemônica tem uma recente e intensa tradição na Espanha, o que explica porque o uso dos mapas tem sido preeminente no 15M se comparamos com outros movimentos, como as revoluções árabes, nos quais, por diversos motivos, não existia essa tradição. Essas práticas foram realizadas principalmente no contexto das experiências da guerrilha de comunicação e da pesquisa-ação no ciclo antiglobalização do início dos anos 2000, e foram o resultado da convergência inovadora de *hackers*, arquitetos, urbanistas e coletivos ativistas – como *hackitectura.net*, *Cartac* ou *Meipi*. Nesse período, foram produzidas cartografias críticas do território geopolítico do estreito de Gibraltar e de várias cidades do Estado Espanhol (Sevilha, Málaga, Barcelona, La Coruña).

Escolhemos como marco cronológico para o estudo dos mapas do 15M o começo da crise econômica, em 2009, até dezembro de 2013. Apesar de alguns desses mapas não serem diretamente atribuídos por seus autores ao 15M, entendemos que são parte da interpretação de uma realidade histórica (social, política e econômica) na Espanha da qual o 15M tem sido a principal resposta – o 15M entendido menos como um movimento e mais como um clima (FERNÁNDEZ-SAVATER, 2012).

No auge do 15M, quando a “ativação cerebral cooperativa e alegre é capaz de deslocar os clichês estabelecidos, linguagens codificadas e estados de ânimo da crise (marcado pelo desastre e impotência), pela geração de condições operativas de mobilidade emocional dos corpos (potência ambiente)” e “onde o poder do povo fica sincronizado no espaço e no tempo, quebrando a dispersão reinante” (TORET, 2013, p. 123), os mapas foram usados como ferramentas tecnopolíticas que articulam espaços físicos e digitais, e, coletivamente, como tecnologias para: 1) analisar e diagnosticar a realidade; e 2) organizar e agir diante dessa realidade. Chamamos cada uma dessas práticas cartográficas como “Mapas da indignação” e “Mapas da ação”.

MAPAS DA INDIGNAÇÃO

Definimos como “Mapas da indignação”, os mapas descritivos e de diagnóstico que respondem principalmente, mas não somente, a primeira fase do movimento, quando este tomou o nome dos “indignados”. Indignação popular pelos “planos draconianos de austeridade que têm reduzido o fornecimento de bens públicos a serviço da reprodução social e melhoria do meio ambiente” e quando “a crise está

sendo usada para facilitar a atividade ainda mais predatória na apropriação privada dos bens comuns como supostamente necessária para a recuperação da condição de crescimento (HARVEY, 2012, p. 56). São mapas que muitas vezes analisam dados públicos e constroem representações críticas sobre estes.

“Casas tristes” é uma plataforma de *web 2.0* que mostra o alto percentual de casas vazias na Espanha. Esclarece, com gráficos acessíveis, os vários aspectos econômicos e sociais do problema do acesso à habitação.

“Corruptódromo” é um mapa *online* elaborado pela plataforma cidadã *No Les Votes*, sinalizando os pontos críticos da geografia do Estado espanhol onde há casos de corrupção política. Cada caso é descrito em uma folha de dados, que inclui partido político, lugar e dinheiro público. Destacam-se, especialmente, a costa leste e a Comunidade de Madri. Os principais crimes incluem suborno, abuso de confiança, desfalque, prevaricação, falsificação, fraude fiscal e lavagem de dinheiro.

O projeto intitulado “Visualizando a evasão fiscal da elite financeira da Espanha” produziu diferentes gráficos das Sicav (sociedades de investimento de capital variável), incluindo suas respectivas sociedades gestoras, entidades depositárias e conselhos de administração. A pesquisa foi realizada a partir dos poucos dados disponíveis publicamente. O estudo conclui que a elite financeira da Espanha está nas mãos de poucas pessoas e que a rede das Sicav é extremamente centralizada e verticalizada.

“Cidades sem fronteiras” é uma campanha impulsionada por uma extensa rede de cidadãos espanhóis e estrangeiros, em situação irregular ou não, que se rebelam contra a discriminação de imigrantes e reivindicam igualdade de direitos para todas as pessoas que vivem nas cidades. Em um mapa *online*, estão localizadas as chamadas fronteiras internas (espaços de exclusão, *checkpoints*, centro de internamento para estrangeiros, batidas policiais de controle de identidade) e as redes de solidariedade, como a Brigadas de Vizinhança de Observação dos Direitos Humanos e os locais de reunião.

Outros “Mapas de indignação” incluem:

- “Mapa dos recortes orçamentários na Espanha”, especialmente em áreas sensíveis como saúde ou educação.
- “Mapa dos centros de saúde e serviços de emergência fechados pelas políticas de austeridade”.
- “Mapa dos suicídios relacionados a despejos”, das mortes supostamente ligadas à expulsão e à perda da habitação.
- “Quem manda, um mapa do poder público-privado na Espanha”, um projeto que tem como objetivo trazer à luz essas ligações entre os *lobbies* e os cargos públicos.
- “Lista georreferenciada de políticos condenados, imputados e absolvidos”.
- “O disparate”, um mapa interativo que mostra a compra e venda internacional de armas do Estado espanhol.
- “Não emigramos, fomos expulsos”, iniciativa da plataforma Juventude sem Futuro que mostra os casos de migração de jovens espanhóis, principalmente por razões econômicas, em todos os cantos do mundo.

- “Quantas pessoas cabem em Neptune, Plaza de las Cortes?”, uma série de mapas que calculam o número de pessoas que se manifestaram em 25 de setembro de 2012 contra o Congresso dos Deputados na ação #RodeaelCongreso.

MAPAS DA AÇÃO

Os “Mapas da ação” são criados para a organização e ativação social. Funcionam por agregação e são, em muitos casos, interativos. São mapas “performativos”, que têm a capacidade de implementar uma ação em um determinado território e tempo, e “sincronizar a experiência coletiva do acontecimento tecnologicamente aumentado” (TORET, 2013, p. 23-24).

“Plano da Acampada Sol”, mostrando a organização no espaço dos diferentes grupos de trabalho: coordenação interna, advogados, enfermagem, ação, imigração, extensão, área das crianças, área de estudo, área de descanso, objetos perdidos, infraestrutura/limpeza, alimentação, área das oficinas, ponto de recolha de assinaturas, banheiro, comissão feminista, informática, correio e caixas de reciclagem.

Figura 2. Plano da Acampada Sol.



Fonte. Disponível em: <<http://madrid.tomalaplaza.net>>.

“Plano do acampamento 15M na praça Catalunya de Barcelona”. Descreve a forma com que o acampamento foi organizado e a sucessão de eventos que aconteceram durante os dias 27 e 28 de maio de 2011, quando aqueles que ocuparam a praça sofreram uma brutal repressão policial. O mapa mostra as estratégias e os itinerários das forças de segurança, e os dispositivos de resistência desenvolvidos pelos acampados, e também inclui uma breve lista de frases e *slogans* que “testemunham um momento de grande expressividade e raiva”.

“Mapa global dos acampamentos”, em que, como uma propagação geográfica sequencial, puderam se observar os acampamentos atuais que estavam se desenvolvendo em diferentes lugares do mundo, os próximos a acontecer e aqueles que tinham sido expulsos pela polícia.

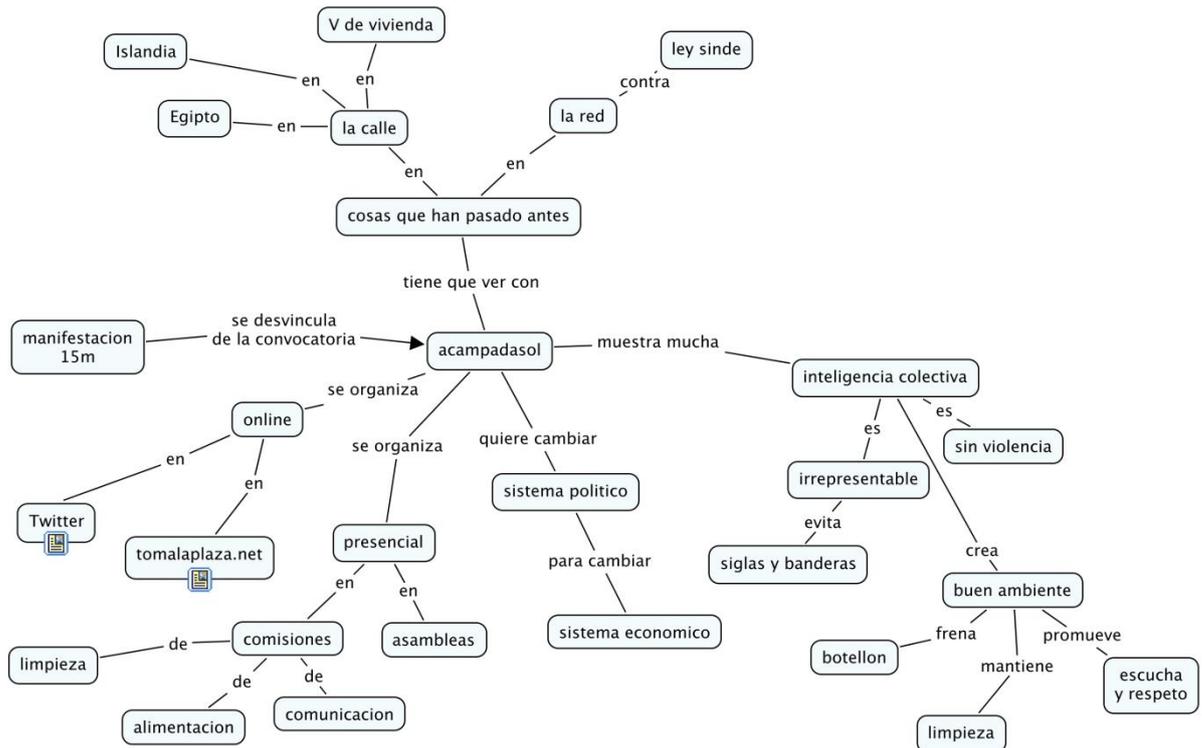
“Denúncia 27M”, site que inclui um mapa da praça Catalunya, com um formulário criado com o objetivo de reunir informações sobre o que aconteceu em 27 de maio de 2011, na “operação de limpeza” pelas forças de segurança. Nessa operação, a polícia agrediu muitas pessoas, objetos pessoais foram roubados e o direito de reunião foi impedido, entre outras violações de direitos humanos. O objetivo desse mapa-formulário é saber quantas pessoas foram afetadas (por meio de provas documentais em vídeo, fotos e depoimentos), a fim de fazer um relatório completo para acompanhar o caso no tribunal.

“Mapa conceitual da Acampada Sol”, criado pelas autoras do programa de rádio de filosofia de garagem “Uma linha no mapa”, como resultado da sua participação no grupo de pensamento do acampamento. Elas se propuseram a explicar visualmente os antecedentes do acontecimento. Definiram um mapa que se expande a cada momento e é atualizado continuamente em uma sinergia da rede digital para rua e da rua para a rede:

É apenas uma ajuda para pintar o irrepresentável. É um mapa humilde, incompleto, inerentemente precário. Um diálogo não verbal com imagens. Este gráfico pode servir como um ponto de partida a todos os interessados em dialogar e entender as origens do movimento chamado 15M. Cada um pode investigar por conta própria as causas, os processos, as experiências: imaginar suas consequências futuras e tirar suas próprias conclusões.³

³ Disponível em: <<http://www.unalinasobreelmar.net/mapa-conceptual-de-la-acampada>>.

Figura 3. Mapa conceitual de Acampada Sol.



Fonte. Disponível em: <<http://www.unalinasobreelmar.net/mapa-conceptual-de-la-acampada>>.

“Mapas das rotas das manifestações”, como a marcha pela moradia, as marchas populares indignadas a Madri e Bruxelas, a marcha “Unidos pela mudança global” do 15 de Outubro de 2011, a marcha “12M15M 2012” ou as várias manifestações chamadas “marés” (*mareas*) pela educação e saúde pública. Como novidade, algumas dessas chamadas para marchas foram feitas por infografias em vídeo.

“Mapa dos escrachos de Barcelona”, produzido pela PAH, que localiza com pontos vermelhos onde vivem ou trabalham os líderes políticos que votaram contra a Iniciativa Legislativa Popular sobre a questão dos despejos. A Iniciativa abordou o problema da dívida hipotecária e de acesso à habitação, incluindo a garantia do direito a uma segunda chance e umas medidas mínimas de habitação.

A “Campanha Stop Despejos” lançada pela PAH (Plataforma de Afetados pela Hipotecas), em colaboração com os *hacktivistas* de *alabs.es* e *tomalaplaza.net*, criou um mapa colaborativo a fim de organizar a ação de grupos de pessoas anônimas para ajudar a parar despejos. Por meio de uma formulário *online*, cria-se uma “alarme” do despejo (que por lei tem uma data e hora específicas para ser executado) para organizar a rede de solidariedade e impedir fisicamente diante da polícia que o chamado “lançamento” seja executado. A ferramenta, desenvolvida a partir do *software* livre de gerenciamento distribuído de crise Ushahidi, envia alertas por *e-mail* para informar quando e onde as famílias vão ser despejadas, e as entidades bancárias e imobiliárias envolvidas. A rede e a campanha são assim apresentadas no seu *site*:

Nós somos aqueles que em 2011 decidiram participar de um resgate histórico, que já começara a PAH. Resgatando os nossos vizinhos, vítimas do golpe imobiliário induzido pelos mercados financeiros e a corrupção da classe política.

2011 é o ano que decidimos parar a pilhagem, o ano em que nos reunimos pacificamente nas portarias, para interpor nossos corpos ao mercado, aos bancos e aos seus representantes. Nós tomamos as portarias, as escadas e as ruas para resgatar as pessoas ante o abandono das instituições, um modelo de cidadania participativa, ativa, e solidariedade, que vai dar uma lição de civismo para a classe política, os mercados financeiros, e que vai impulsionar a regeneração democrática deste país.

Centenas de milhares de vizinhos em nossos bairros precisam de nós, podemos ser um exemplo da cidade e do bairro que queremos, um bairro ou comunidade com pessoas que se protegem e se apoiam, que compartilham seus problemas e está envolvida na vida social em torno dele.⁴

A “Guia para registrar a Petição ‘Democracia 4.0’” no Congresso dos Deputados, ironicamente chamada “Mapa de férias em Madri”, foi uma iniciativa para mapear os preparativos para a ação do 25 de setembro de 2012, #RodeaelCongreso, que em sua pauta incluía uma proposta ao Parlamento de democracia participativa por meio da internet. O mapa produzido procurou “fornecer as informações necessárias para evitar ataques da polícia em uma manifestação pacífica, saber a posição das câmeras de vigilância que podem dizer se há abuso e localizar as delegacias onde os detidos podem ser encontrados”.

“Toque a Bankia” foi uma proposta para mobilização distribuída, consistente no bloqueio físico de todas as agências bancárias de Bankia no 9 de maio de 2012. O projeto criou fóruns em *blogs* próprios e nas redes sociais e aplicativos para Facebook e celulares com Android (um aplicativo desenvolvido por *hacktivistas.net* e cujo código de *software* pode ser baixado de <https://github.com/hactivistas>):

Tudo começa com o mapa.

Com um duplo clique, dá-se o zoom no lugar onde você quer achar uma agência bancária. Ao selecionar a agência e se registrar, você começa a fazer parte de um grupo de ação, juntamente com as outras pessoas que escolheram a mesma agência.

Cada grupo se comunica por meio de seu fórum. Você só pode pertencer a um fórum de cada vez. Desta forma, todos sabemos quantos somos e quão melhor podemos distribuir as tarefas. Os grupos podem ver como os outros estão fazendo e aprender com eles, mas apenas participam do fórum da agência bancária em sua área de atuação.⁵

⁴ “Stop Despejos”. Disponível em: <<http://stopdesahucios.tomalaplaza.net>>.

⁵ “Toque a Bankia”. Disponível em: <<http://toqueabankia.net/toque.html>>.

Figura 4. “Toque a Bankia”, desenho de funcionamento.



Fonte. Disponível em: <https://15mpedia.org/wiki/Toque_a_Bankia>.

Criou-se uma narrativa de anonimato e ação de enxame o *flashmob*, tecnologicamente aprimorado e de tipo *user friendly*:

Tudo acontece na agência bancária mais próxima. Este é um ato de pessoas comuns. É simples. Oferecemos uma ferramenta web para contatar com outras pessoas perto de você e coordenar para visitar a sua agência. Você escolhe a agência que melhor lhe convier. Você conhece outras pessoas e você contribui com as suas ideias. No dia de ação, todos visitamos nossa agência ao mesmo tempo. ;-)

Outros “mapas da ação” incluem:

- “Chegam vozes da outra margem do Mediterrâneo” é um videoclipe que inclui em sua sequência de início um mapa que mostra a influência e contágio da Primavera Árabe para o 15M.
- “Mapas das conversas” na esfera do *microblogging*. Twitter tem sido uma tecnologia-chave no 15M, de onde foram lançadas convocatórias e de onde foi modulado o fluxo da ação comunicativa em rede.
- “Yes we klang”. Mapa sonoro da *#spanishrevolution* que geolocaliza gravações de áudio ambiente em vários acampamentos durante maio de 2011.
- “Mapa da mobilização global do 15O”.
- “Mapas Twitter 15O: cartografias do global revolution” são mapas da evolução no tempo da atividade no campo de *microblogging*, relacionados com a mobilização de 15 de Outubro de 2011, em Nova York, São Francisco, Barcelona e Madri, quando milhões de pessoas ao redor do mundo foram às ruas para protestar contra o capitalismo financeiro.
- “Abra seu wi-fi para 12M15M”.
- “Campanha Stop CIEs”, pelo fim dos centros de detenção de imigrantes. Foi produzido um mapa *online* para localizar CIEs e CETIs, conferências e

reuniões, comícios, relatórios e deportações suspensas “acerca da reapropriação do espaço público, tanto pelo cidadão nativo como pelos ‘imigrantes ilegais’”.

- “Voces25s” é um projeto de “canal de comunicação para multidões conectadas”. Ele consiste em um mapeamento colaborativo e em tempo real via interface móvel durante as manifestações do 25S de 2012. O 25S recolhe os tweets em tempo real, adicionando uma semântica baseada em *hashtags* e código de cores.
- “Increasis” é uma plataforma geográfica que tem como objetivo oferecer um repertório de ferramentas, práticas e estratégias para a reocupação do parque habitacional não utilizado, não vendido ou inacabado, e sua reconversão em infraestrutura produtiva e autogestão por parte da cidadania.
- “Banco de Ideias 15M.cc” é uma *web* aberta de armazenamento e consulta de materiais (textos, fotos, áudios e vídeos) relacionadas com o acontecimento, que faz parte do projeto de memória coletiva 15M.cc. Permite a visualização dos conteúdos a partir de um mapa, uma linha de tempo e uma série de etiquetas.

CONCLUSÕES

O 15M é um acontecimento em que a cartografia tem sido utilizada com expressiva intensidade. No “clima 15M”, uma parte substancial das ações dos grupos, redes e indivíduos envolvidos no movimento gera um mapa de análise e indignação, e um mapa de ação ou de resposta *performativa*. A cartografia tornou-se uma prática tecnopolítica instituída, resultado da potência do acontecimento. Combinando elementos antigos e novos, os mapas foram reinventados socialmente, revelando sua importância para os processos de auto-organização, ação distribuída e descentralizada, inclusão e participação de atores diversos e processos de imaginação social.

Definimos os mapas do 15M como uma arte da cartografia da multidão conectada. O exemplo icônico é o cibermapa “Interações entre usuários 15M”,⁶ que visualiza, em 3D, a partir de uma visão de satélite, o fluxo de mensagens de Twitter entre os participantes do movimento 15M nas redes sociais, no âmbito temporal do 15 de maio de 2011. Mostra como “um corpo *cyborg* cresce entre a experiência nas ruas e o crescimento da primeira estrutura de perfis coletivos que conectavam e dirigiam o protesto entre os fluxos na rede e entre a rede e as assembleias das praças” (TORET, 2013, p. 221).

⁶ O mapa foi produzido pelo Instituto de Investigação em Biocomputação e Física de Sistemas Complexos da Universidade de Zaragoza, reunindo informações sobre 70 palavras-chave relacionadas ao movimento 15M, rastreando um total de 581.749 mensagens de 87.569 usuários.

Figura 5. Interações entre usuários 15M.



Fonte. Disponível em: <<http://15m.bifi.es>>.

Na sua materialidade, os mapas do 15M têm a escala dos corpos envolvidos e ajudam a auto-organizar seus devires. Na sua capacidade de agência, enfrentam a destruição das condições biopolíticas da democracia que supõem as políticas de austeridade e os problemas fundamentais relacionados à reprodução da vida na metrópole contemporânea: habitação, saúde, acesso à educação e à cultura. Nessas práticas, o corpo social torna-se, se usarmos essas categorias, ao mesmo tempo objeto e sujeito do mapeamento. Um corpo social que toma forma por meio da “sincronização precisa de uma desterritorialização das identidades pessoais, para encontrar uma dimensão comum, anônima e potente das pessoas conectadas”; uma sincronização que “tem a ver com a retroalimentação crescente de singularidades – de qualquer pessoa – que se dispõem e fazem em comum” (TORET, 2013, p. 120).

As diferentes escalas de mapas do 15M explicitam a capacidade de afetar as condições gerais no âmbito do Estado e da esfera internacional; e possibilitar agenciamentos específicos da multidão que produzem mudanças em âmbitos de espaço e tempo concretos.⁷

A arte da cartografia da multidão conectada é um dos resultados da “insurreição do corpo-máquina” (SÁNCHEZ CEDILLO, 2012). Os mapas são produzidos pela união de *hackers*, ativistas e pesquisadores de diferentes áreas, que se apropriam do conceito da cartografia a partir do espaço exterior da disciplina. Os mapas do 15M como uma arte cartográfica da multidão conectada fazem parte de uma produção do comum. A soberania digital, por meio do uso de *software* livre e servidores próprios, tem importância fundamental nessa produção.

⁷ O arquivo das conquistas do 15M (Disponível em: <<http://logros.15m.cc>>.) enumera 600 despejos impedidos, 33 conselheiros de Bankia julgados no banco, 27 serviços de emergência impedidos de terminar, 226 milhões de euros arrecadados em demandas pelas preferentes, 88 acampamentos livres de despejos, 5 queixas-crime coletivas movidas por mais de 3.050 afetados pela prefeitura.

Em uma analogia com o imaginário *ciberpunk* das subculturas *high-tech*, tão influente no universo *hacktivista*, que por sua vez constitui diretamente a base da inovação tecnopolítica do 15M, podemos definir o movimento sistema-rede 15M como um composto de *hardware*, *software* e *wetware*. Em tal sistema, a cidade, o ambiente construído, é o *hardware*; a cartografia, como parte de um *tekné* maior, é o *software*; e os seres humanos são o *wetware*, as partes biológicas, compostas de água, do sistema.

Os mapas do 15M trazem consigo um grande avanço técnico e conceitual, um transbordamento da escala e da complexidade das práticas cartográficas anteriores. Em muitos casos, são desenvolvidos por *hacktivistas* por exigirem habilidades de programação avançadas para modificar ou melhorar as tecnologias existentes ou a invenção de um novo *software*. Sobre essa inovação social, não isenta de problemas,⁸ alguns autores argumentam uma novidade sociológica:

Estamos pela primeira vez diante de sujeitos coletivos portadores de níveis culturais iguais ou superiores aos das elites políticas e econômicas, o que permite tomar decisões e atuar coletivamente de maneira responsável e realmente autônoma sem os recursos das minorias dominantes. (CONTRATIEMPO HISTORIA Y MEMORIA, [201-]).

A seguir, descrevemos a *tekné* emergente da arte da cartografia da multidão conectada:

- a) Explosão das visualizações de rede,⁹ O uso tático e massivo do 15M e do *microblogging* tem gerado grande interesse acadêmico e uma politização de parte das redes do movimento do chamado *big data*. A partir de metodologias que incluem captura de dados do Twitter em diferentes estágios do 15M, e do uso de métricas estabelecidas no campo da análise de redes sociais, coletivos como Manuela Lucas, Outliers ou o grupo de pesquisa @Dataanalysis15M geram visualizações de topologias da rede.

⁸ Alguns dos projetos têm permanecido no nível de protótipo devido à falta de desenvolvimento: seja pela necessidade de alcançar um limiar de uso maior para ser avaliado, ou por não estar finalizado sem sua interface de usabilidade. Algumas destas produções, devido à espontaneidade e à precariedade econômica com que foram criadas, enfrentam sérios problemas de sustentabilidade – começando com a renovação dos domínios digitais.

⁹ Uma das tecnologias de visualização mais utilizadas são os grafos – mapas de arestas e nós. Nessa produção, destaca-se o *software* livre Gephi.

Se como afirma a programadora e *hacktivista* Marga Padilla, “tudo o importante no futuro será estilo 15M”, referindo-se à sua pulsão de radicalização democrática e como protótipo de participação política adaptado às tecnologias do século XXI, os mapas do 15M antecipam, em suas funcionalidades e especificações, o futuro próximo da arte da cartografia.¹⁰

Artigo recebido em 31/01/2017 e aprovado em 23/05/2017.

REFERÊNCIAS

ASSANGE, J. *The world tomorrow: Occupy*. 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NhHm8pJ1ork>>.

CONTRATIEMPO HISTORIA Y MEMORIA. O 15-M e as narrativas da modernidade na Espanha. [201-]. Disponível em: <http://www.contratiempohistoria.org/?page_id=742El>.

DELEUZE G.; GUATTARI, F. *Mil mesetas: capitalismo y esquizofrenia*. Valencia: Pre-Textos, 1994.

FERNÁNDEZ-SAVATER, A. *Como se organiza um clima?* 2012. Disponível em: <<http://blogs.publico.es/fueradelugar/1438/%C2%BFcomo-se-organiza-un-clima>>.

HARVEY, D. *Rebel cities: from the right to the city to the urban revolution*. Nova York: Verso, 2013.

PÉREZ DE LAMA, J. La avispa y la orquídea hacen mapa en el seno de un rizoma: cartografía y máquinas, releendo a Deleuze y Guattari. *Pro-Posições*, Campinas, v. 20 n. 3, p. 121-125, 2009. Dossiê: A educação pelas imagens e suas geografias.

PÉREZ DE LAMA, J.; TORET, J. Devenir cyborg, era postmediática y máquinas tecnopolíticas. Guattari em la sociedad red. In: BERTI, Gabriela (Ed.). *Felix Guattari, los ecos del pensar: entre la filosofía, el arte y la clínica*. Valencia: Ediciones Letras Salvajes, 2012.

PROJETO de memória 15M.cc. [2012?]. Disponível em: <<http://madrid.15m.cc/p/conversaciones-15mcc.html>>.

SÁNCHEZ CEDILLO, R. El 15M como La insurrección Del cuerpo-maquina. *Revista Anthropos: huellas Del conocimiento*, n. 234, p. 216-224, 2012.

TORRE, J. (Coord.). *Tecnopolítica: la potencia de las multitudes conectadas. El sistema red 15M, un nuevo paradigma de la política distribuida*. IN3 Working Paper Series, Barcelona: Internet Interdisciplinary Institute, Universitat Oberta de Catalunya, 2013. Disponível em: <[http://tecnopolitica.net/sites/default/files/1878-5799-3-PB%20\(2\).pdf](http://tecnopolitica.net/sites/default/files/1878-5799-3-PB%20(2).pdf)>.

¹⁰ A lista completa dos mapas descritos neste artigo está disponível na wiki do projeto de memória coletiva do 15M, 15M.cc: <<http://wiki.15m.cc/wiki/Mapas>>.